

# REDES DE SOLIDARIEDADE ENTRE VENDEDORES AMBULANTES DA RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, EM PORTO ALEGRE/RS

Priscila Farfan **Barroso**<sup>1</sup>

## Introdução

O presente artigo apresenta parte do meu trabalho de conclusão do curso<sup>2</sup>, e enfatiza a argumentação do uso do estudo de redes sociais como artifício metodológico crucial para pensar a rede de solidariedade do grupo pesquisado. A pesquisa de campo foi realizada de 2007 a 2009<sup>3</sup> entre os vendedores ambulantes da Rua Voluntários da Pátria em Porto Alegre/RS, a partir de uma Bolsa de Iniciação Científica no âmbito do BIEV – PPGAS/UFRGS<sup>4</sup>.

Etnografar o espaço público é deparar-se com as surpresas do vivido. Pequenas cenas do cotidiano se apresentam ao olhar do pesquisador/flaneur que perambula pelas ruas. E a relação entre esses momentos, entre estas cenas, conduz a uma ideia de “acontecimentos” (Maffesoli, 1996), que podem nos dar pistas sobre as redes de solidariedade daqueles que habitam o espaço público. Neste sentido, cada saída de campo era cuidadosamente planejada ao elaborar “pontos de escuta” com a finalidade do registro das formas de negociação entre os fregueses e os vendedores ambulantes de produtos ilegais e piratas, ou entre eles mesmos, processo metodológico que contribuiu para a compreensão das práticas sociais e da construção da rede social dos vendedores ambulantes no centro de Porto Alegre<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> BARROSO, Priscila Farfan. “CD, DVD, CD, DVD” - Estudo etnográfico das práticas sociais e redes de solidariedade dos vendedores ambulantes - conflitos, laços sociais e artes de fazer no espaço público na Rua Voluntários da Pátria, em Porto Alegre/RS. Bacharelada em Ciências Sociais. Orientação de Roque Vitor Dal Ross e co-orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2009.

<sup>3</sup> Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entretanto este artigo se deu a partir da pesquisa etnográfica durante a graduação.

<sup>4</sup> Bolsa de Iniciação Científica FAPERGS. Projeto Integrado “Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV, Coleções etnográficas e patrimônio em Porto Alegre/RS” com a orientação da Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha BIEV (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social -UFRGS), apoiado desde 1999.

<sup>5</sup> Aqui apoiada nas discussões teórica das antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Viviane Vedana (2007).

Através do uso das técnicas e procedimentos da etnografia sonora que vêm sendo desenvolvidas no BIEV<sup>6</sup>, no GRES<sup>7</sup>, do qual faço parte, me foi possível iniciar um estudo mais cuidadoso da profusão de sonoridades dos encontros entre pessoas, dos objetos e utensílios que compõem os gestos humanos, de trocas sociais e simbólicas entre meus parceiros de pesquisa e seus fregueses e clientes, de sua rede social e todo um rico mercado de rua na região central da cidade. Aliado a isso, a metodologia da etnografia de rua (Eckert; Rocha, 2003) me permitiu a observação sistemática, escrita e reescrita em diários de campo e das descrições etnográficas, através dos quais fui pouco a pouco construindo interpretações sobre o cotidiano do viver urbano a fim de acessar as práticas de trabalho informal nessa rua de comércio da capital gaúcha.

Uma vez sensibilizada por esta forma expressiva (Dawsey, 2000 apud Vedana, 2008) de manifestação do trabalho de rua nas grandes metrópoles contemporâneas, as adesões às técnicas e procedimentos da etnografia sonora permitiam compreender o fenômeno do comércio ilegal de determinadas mercadorias para além de seus limites da visualidade/visibilidade, e assim acessar pessoas que participavam da rede de solidariedade em alguns momentos e que eram cruciais para compor esse estudo, mas que não era evidente justamente por causa do seu contato efêmero com a rede. Neste sentido, os fazeres do comércio ilegal e do trabalho informal dos vendedores ambulantes nas calçadas da Rua Voluntários da Pátria, adquiriam a dimensão de um conjunto de saberes e dizeres por meio dos quais estes mercadores de rua interpretavam a cidade de Porto Alegre.

Sendo assim, a dimensão subjetiva dada pelas sonoridades captadas em campo, seja de diálogos entre mercadores de rua, seja deles entre si e mesmo deles com trabalhadores formais e regularizados, foram gradativamente me fazendo prestar atenção à forma como ela estava referida às “táticas e astúcias” (Certeau, 1994) de vender mercadorias ilegais nos espaços públicos das grandes cidades. A partir desse conjunto de dados etnográficos, tanto das descrições textuais como narrativas sonoras, foi possível construir a rede de

---

<sup>6</sup> Nos últimos anos, o BIEV tem se dedicado ao estudo das técnicas de registro e captação das sonoridades dos territórios urbanos, assim como questões teóricas e conceituais acerca do potencial etnográfico da imagem sonora. Sendo este último conceito entendido como objeto de investigação da Antropologia, uma vez que as sonoridades não só expressam simbolismos como evocam representações etnográficas. É dado um tratamento documental ao registro das sonoridades captadas em campo, em que essas “imagens” da cidade são acervadas a fim de compor representações da vida social.

<sup>7</sup> Atualmente, o Grupo de Trabalho sobre Etnografia Sonora/GRUES se desenvolve sob a coordenação de Viviane Vedana (Pesquisadora associada ao BIEV) e a minha participação (Bolsista CAPES).

solidariedade dos vendedores ambulantes da Rua Voluntários, qualificando as diferentes relações entre eles e entre outros indivíduos, que sustentam o trabalho informal no espaço público. Antes de adentrar na construção da rede, propriamente dita, cabe destacar que estou considerando o recorte conceitual baseado na solidariedade - nos termos do que se refere Mauss (1974) - que sustenta as práticas sociais dos vendedores ambulantes, pautada no estudo de redes sociais (Lomnitz, 1994; Both, 1976; Foote-Whyte, 2005). Nesse sentido, a solidariedade está remetida a reciprocidade que vai se estabelecendo entre aqueles que habitam um espaço comum, formando laços entre vendedores e outros atores, que tornam possível invisibilizar as práticas ilegais, ou torná-las efêmeras, no espaço público, levando a duração dessas práticas ali.

Os participantes das redes de solidariedade dos vendedores ambulantes constroem laços com esses, ajudando-se mutuamente, ensinando táticas de venda, colaborando nas fugas dos policiais, trocando o dinheiro, guardando mercadoria durante a noite, trazendo produtos, inserindo novos companheiros, configurando assim, os vendedores ambulantes não enquanto grupos fechados, mas como tribos urbanas que tem seus limites flexíveis, uma vez que através da interação persistem suas práticas de trabalho ali. Assim, para Maffesoli as tribos são:

diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles. Seja ele qual for, o que está em jogo é a *potência* contra o *poder*, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada para não ser esmagada por este  
(Maffesoli, 1998: 70)

De modo que a solidariedade não está voltada para os “valores abstratos, mas para os valores concretos”, e é nessa forma que estão presentes as redes das quais estamos nos referindo<sup>8</sup>.

### **Desenhando as redes de solidariedade em campo**

Através da etnografia de rua (Eckert; Rocha, 2001) realizei visitas periódicas a campo, a fim de observar e reconstruir, por intermédio da escrita, o cenário humano que conforma o mercado de produtos ilegais na área central da cidade, dimensionado nos

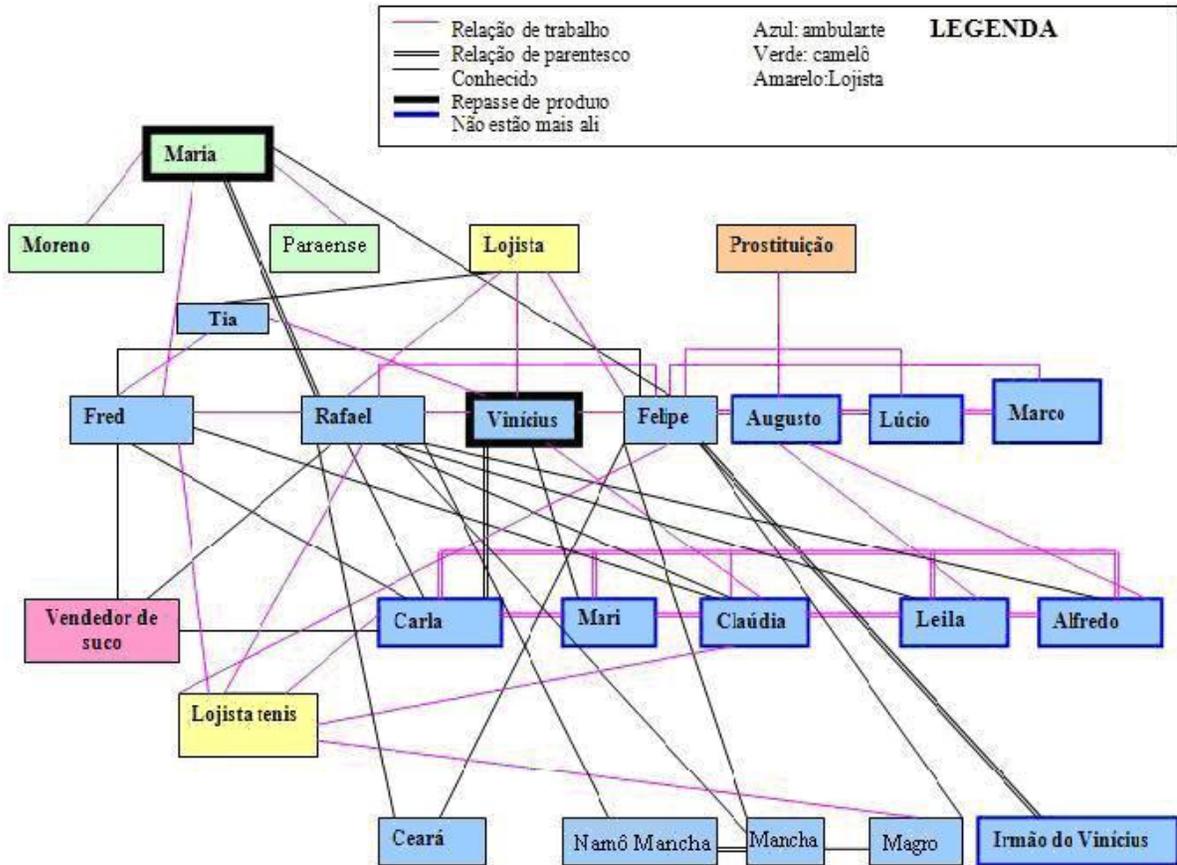
<sup>8</sup> Entrevista com Michel Maffesoli: <http://talabarte.blogspot.com.br/2011/09/maffesoli-admiravel-mundo-novo.html>, acessado em 25 de abril de 2012.

termos de uma complexa rede social de comércio e troca de favores. Neste sentido, pensar as formas de trocas sociais, econômicas ou simbólicas, reunindo os vendedores ambulantes, numa tônica de acontecimentos relacionados ao cotidiano de trabalho de outros segmentos sociais na rua, implica em reconhecer que tais formas não são “cenas” isoladas da vida urbana, referida apenas à região central da cidade de Porto Alegre. Mas sim em certo local, que concentra múltiplas dimensões do trabalho e do comércio informal até contemplar o fenômeno da mundialização da economia e a formação de um mercado global de bens materiais. Portanto, as “cenas” de mercados de rua e seus produtos piratas na Rua Voluntários da Pátria em Porto Alegre configuram um desenrolar de interações sociais captadas num dado espaço e num dado tempo que extrapolam este contexto local, enquanto também correspondem à vitalidade desta prática ambulante na memória coletiva da cidade.

A maioria dos meus interlocutores de pesquisa são homens entre 16 a 35 anos, vindos de cidades do interior do Rio Grande do Sul, com o primeiro grau incompleto, e que vendem produtos como CDs, DVDs, tênis, roupas, óculos e celulares, para seus fregueses nas calçadas do bairro Centro de Porto Alegre. A agregação desta população a esta forma de trabalho na rua, em geral, se dá através da participação de parentes ou amigos que já atuavam na área e que os introduzem nesta forma de “ganhar dinheiro fácil”. Além disso, o trabalho de rua pode se mostrar para alguns deles como opção de ascensão social e a possibilidade de “trabalhar por conta própria” (Durham, 1973:157).

Assim, apresento quem são os meus parceiros de pesquisa e as condições de trabalho na rua deles, de maneira que dos três anos de campo destaco três interlocutores principais, que atuavam na rede social estudada de formas diferentes e representativas para esse estudo. Abaixo apresento graficamente as redes de solidariedade através do trabalho de campo na Rua Voluntários da Pátria e, na sequência, descrevo interpretando as relações sociais.

\*\*\*



1. Ilustração de Rede Social: autoria própria.

\*\*\*

Minha entrada em campo foi possibilitada por Augusto, que é um vendedor ambulante antigo, morador do Bairro Sarandi, e que tinha como ajudantes na venda de CDs e DVDs seu cunhado Lúcio e o irmão de Lúcio, chamado Marco, sendo estes bem mais jovens que Augusto e moradores de Gravataí, um município próximo a Porto Alegre. Depois de encontrá-los em três saídas de campo, tive a oportunidade de conhecer alguns outros vendedores ambulantes, também participantes das redes de solidariedade de Augusto. Entre eles, Felipe, rapaz de 23 anos, nascido na cidade de Soledade, morador do Bairro Partenon, e que oferecia os produtos obtidos com Augusto para quem passasse pela

Rua Voluntários da Pátria, além de ter seu ponto<sup>9</sup> ao lado do seu fornecedor. Mas com a pressão da Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio (SMIC) e da Brigada Militar (BM), alguns dos vendedores que conheci inicialmente desistiram do trabalho na rua. Augusto foi cuidar de uma boate de prostituição no Sarandi e Lúcio, junto com seu irmão, foi trabalhar em Gravataí. Já Felipe herdou os saberes e fazeres deste *métier* e também aquele ponto de venda, situado num trecho da calçada da Rua Voluntários da Pátria, próximo ao Terminal Parobé. Tanto pela recorrência de nossos encontros, como pela aceitação da parceria de pesquisa, Felipe passa a ser um dos meus interlocutores principais e, a partir dessa relação de confiança entre nós dois, é que conheço quem são os outros ambulantes que trabalham próximos a ele.

Na mesma calçada, o casal Leila e Alfredo, da faixa etária entre os 35 e 45 anos, ficam próximos de Felipe e de duas das três filhas deles, Cláudia e Carla, de 18 e 23 anos, que muitas vezes também trabalhavam no ponto da família para vender os CDs e DVDs. Aqui, essa relação de proximidade entre os pontos dos vendedores será considerada uma relação de vizinhança, deslocando a idéia de relações de vizinhança relacionadas ao estudo de bairros e comunidades para o tema do trabalho na rua. A terceira filha de Leila, Mari, chegou a vender CDs e DVDs na rua, mas depois arranhou um emprego com carteira assinada. Era possível encontrar essas três filhas sempre maquiadas, com roupas “da moda”, partilhando relações de trabalho entre elas, além da relação de parentesco. Apesar da aceitação da minha presença ali, havia desconfiança da minha condição enquanto mulher em um espaço predominantemente masculino. Essas não eram as únicas mulheres que vendiam ali, mas foram umas das poucas que eu pude acompanhar e etnografar durante dois anos e meio de campo, com o objetivo de focar a relação delas com outros ambulantes daquele espaço, sendo que elas permaneceram neste *métier* até o final do meu trabalho de campo, no início de 2009.

Essas relações de trabalho sugerem que cada vendedor (a) tem um papel diferenciado no âmbito das redes de solidariedade que sustentam as práticas do trabalho informal, sendo que se destacam a venda para os clientes, a colaboração durante a venda, o repasse um ponto, o fornecimento dos produtos, o abrigo dos produtos de um dia para

---

<sup>9</sup> Pontos são lugares de certa estabilidade, nos quais os vendedores ambulantes têm certa legitimidade dentre os participantes das redes de solidariedade para venderem seus produtos no espaço público.

outro. Cada vendedor pode exercer um ou mais papéis nessas relações, deixando claro que esses não são fixos e estáveis, e sim, flexíveis. Quanto às relações de parentesco, destacam-se aquelas consanguíneas, de adoções, de parentesco por casamento, e mesmo de amigos que, por terem partilhado experiências em comum, são agregados como membros familiares. É, entretanto, aos poucos, que esses homens, geralmente ainda jovens, se agrupam pelas relações de trabalho, sobrepondo os laços de parentescos aos de vizinhanças e aos de amizade, tecendo formas de trabalho, através de nichos de trocas econômicas e simbólicas, nos “cantos” do espaço público das ruas na área central, para oferecer aos clientes e fregueses seus produtos.

Quando perguntado do seu papel naquele espaço, Alfredo não esclarece qual é seu *métier*. Ao invés disso, conta que tem uma loja na galeria, e diz que fica nas calçadas para atrair os clientes; penso que talvez ele seja um fornecedor ou guardador de produtos. Também destaca a diferença de sua prática social em relação à prática dos ambulantes, e em sua fala tenta invisibilizar para mim como ele é classificado socialmente nessa rede de solidariedade do comércio informal. Mesmo assim, entre ele e as outras pessoas que ali trabalham, na vivência do cotidiano do trabalho informal e/ou ilegal, e mesmo formal, fundam-se uma série de relações de amizade e vizinhança, podendo resultar também em relações de trabalho.

Porém, mesmo com a proximidade, Felipe e esta família não têm os mesmos fornecedores de CDs e DVDs, pois após Augusto sair dali, era Vinícius quem repassava os produtos para Felipe. Esse fornecedor de CDs e DVDs, sempre muito discreto, observador e de pouca conversa, ficava em frente a uma galeria da Rua Voluntários da Pátria, junto com panfleteadores, vendedores de vale transporte e outros ambulantes, e, muitas vezes, perambulava pelas calçadas desta rua, visto que distribuía os produtos piratas para outros vendedores com pontos próximos a ele. Compreender o conjunto de simbolismos dessa sinergia social (Maffesoli, 1998), que emana da prática da venda desse comércio informal no espaço público, e por vezes, classificar algumas delas como irregular e ilegal, é o que procuro tratar ao discutir as redes sociais de ambulantes vendedores de CDs e DVDs como configuradoras de uma “tribo urbana”, reunidas segundo um determinado estilo de vida e visão de mundo (Geertz, 2002). Explicito essa condição, pois Felipe não evidenciava quem era(m) o(s) seu(s) fornecedor (es), nem onde eram as fábricas de CDs e DVDs piratas, ou

mesmo todas as éticas das relações com o trabalho ambulante, ainda que esses vendedores de rua estivessem sempre próximos e se relacionando. Assim, durante este trabalho etnográfico de longa duração, pude participar de diversas situações que me fizeram chegar a essa conclusão.

Rafael é um jovem de 23 anos, morador do bairro Partenon, e estabelece uma relação de amizade e vizinhança com Felipe. Esses dois travavam relações de trabalho com Vinícius, que era reconhecido por ser um dos fornecedores, e assim, tanto Rafael como Felipe reabasteciam seus estoques desses produtos ilegais com o colega de trabalho, para depois oferecê-los aos clientes na rua. Rafael, muitas vezes, era ajudado na venda de CDs e DVDs por sua esposa Luciana, com quem tem um filho pequeno, e essa relação de trabalho entre os dois é originada através da relação de parentesco, anteriormente configurada como relação de amizade. Eles têm pontos em diversos locais no trecho da Rua Voluntários da Pátria, uma vez que são vendedores “antigos” ali.

No interior das redes sociais (Lomintz, 1994), meus interlocutores de pesquisa se aproximam em termos de estilo de vida<sup>10</sup>, de ethos e de visão de mundo (Velho, 1999), mas mantêm singularidades que tornam suas trajetórias sociais ricas nas complexidades de seus arranjos em relação às formas de compra e venda de produtos ilegais e piratas como *métier*. Como estão próximos e partilham sentidos da condição de trabalho informal, os ambulantes relacionam-se de maneira jocosa, classificando socialmente a posição de cada um ali, seja numa relação de trabalho, de amizade, de namoro, de vizinhança ou até de conflito, nem sempre evidente para quem observa.

Mas também através das relações de trabalho podem-se originar relações de parentesco, como identifica Rafael ao explicitar que Carla já havia sido casada com seu cunhado. No entanto, eles não estavam mais juntos, e no momento de nossa conversa, Carla estava grávida de Vinícius. Um tempo depois:

---

<sup>10</sup> Segundo P. Bourdieu (1983:82) "às diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência"

Logo quando o nenê nasceu, encontrei Carla e Leila num salão de cabeleireiro dentro da Galeria que tinha sua porta em frente ao ponto de Felipe, na calçada da Rua Voluntários da Pátria. Enquanto Carla tinha seus cabelos loiros alisados, Leila segurava o bebê no colo, ao mesmo tempo em que era atendida pela pedicura, e junto com Luciana, conversávamos sobre a amamentação do pequeno Lucas, que havia sido interrompida.

(Fragmento de diário de campo, 21/01/2009)

Assim, por essa série de relações que estreitam os laços sociais entre os ambulantes, reforço minha interpretação através do conceito de tribalismo proposto por Michel Maffesoli (1998) em sua tentativa de analisar a tensão entre o processo de massificação crescente das formas de vida social no mundo contemporâneo e a existência, no seu interior, de lealdades envolvendo particularismos, regras, costumes e significados restritos. Adoto aqui esta perspectiva, no sentido de pensar as práticas de trocas sociais, afetivas, comerciais, econômicas e simbólicas dos mercados de rua e na qual me inseri durante o trabalho de campo.

Segundo o autor, esse “tribalismo” sugere uma “comunidade emocional” ou “nebulosa afetiva” em oposição ao modelo de organização racional típico da sociedade moderna. Nas tribos, o ethos comunitário é designado pelo conjunto de expressões que remete a uma subjetividade comum, a uma paixão partilhada. A adesão dos indivíduos a esses agrupamentos é sempre fugaz, e não há um objetivo concreto para estes encontros que possam assegurar a sua continuidade. Trata-se apenas de redes de amizade pontuais que se reúnem ritualisticamente com a função exclusiva de reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo.

Numa das saídas de campo em que os ambulantes me pedem um retrato<sup>11</sup>, estão na foto Felipe, Cláudia, Carla e Rafael, que convidam Fred para ser retratado. Sou apresentada a este último que tem 35 anos e mora na cidade de Guaíba, como Rafael. Também é vendedor ambulante há quase 10 anos nesta rua central da cidade. Porém, ele não trabalha apenas com CDs e DVDs, e já teve experiências com outras formas de venda ambulante, como vender na praia ou vender produtos em eventos de outras cidades. É relevante destacar que através do trabalho na rua conseguiu comprar sua casa.

(Fragmento de diário de campo, 10/07/2008)

Sendo assim, Fred “tem conhecimento” sobre outras táticas e estratégias (Certeau, 1994) do comércio de rua e passa a ser um dos outros interlocutores principais dessa pesquisa. Ele e Vinícius estocavam seus produtos vendidos na rua com uma senhora que

---

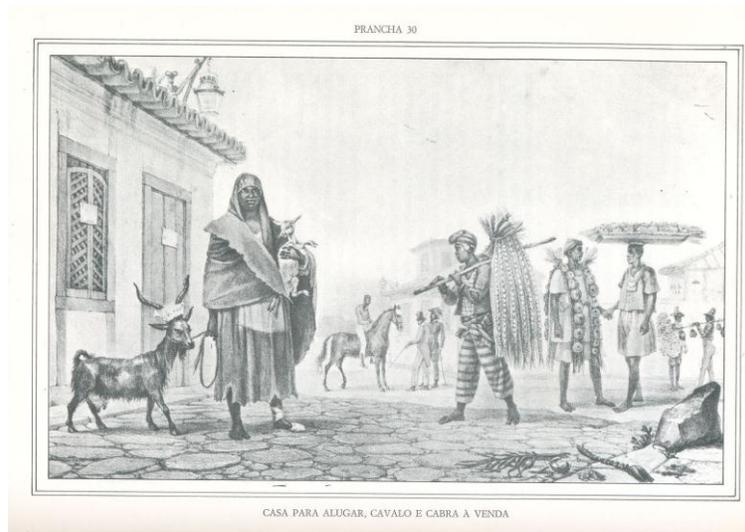
<sup>11</sup> BARROSO, Priscila Farfan. Etnografia de Rua na “Voluntários da Pátria”: fotografando ambulantes no espaço público. Revista Eletrônica Ensaios. Intersecções. Rio de Janeiro: UFF. v.1, n.1, 2008.

tem um restaurante numa galeria e entre os três se travava uma relação de confiança e de reciprocidade, pois os dois rapazes muitas vezes almoçavam lá, em troca da prestação de pequenos serviços para essa senhora. Essas trocas entre os vendedores e a lojista sugerem que entre eles há uma relação de trabalho, uma vez que suas relações tornam possível a prática da venda de CDs e DVDs no espaço público, ainda que nem todos vendam diretamente os mesmos produtos. Assim, faz parte das redes de solidariedade englobar vendedores formais e informais que habitam um espaço em comum e estabelecer um sistema de trocas de favores.

Para evidenciar essa linha tênue entre a formalidade e a informalidade, outro representante do comércio formal, empregado de uma loja da Rua Voluntários da Pátria, esclarece para mim e um dos informantes que não discrimina os vendedores ambulantes, pois ele também entendia essa profissão como legítima e como possibilidade, no caso de ficar desempregado novamente. Essa relação entre comércio formal e informal explicita um dos muitos vínculos de comerciantes de lojas, tantos donos como vendedores, ali da Rua Voluntários da Pátria, que podem participar da rede de solidariedade dos ambulantes como uma das formas de suas práticas sociais durarem no tempo (Bachelard, 1988), ou não.

Além disso, o modo de ocupação dos espaços públicos e da rua favorece a permanência desses vendedores de rua, de maneira que a estética proposta por eles para estarem ali, me remeteu às imagens de Debret (1978) ou Rugendas (1954). Estas imagens ilustram a situação de muitas cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro do início do século XIX, onde os negros esperavam nos “cantos” (Bachelard, 2000) os fregueses de seus produtos, enquanto trançavam a palha para fazer cestos, chapéus ou abanadores, para depois os venderem.

\*\*\*



2. Fonte: Debret, 1978.



3. Fonte: Debret, 1978.



4. Fonte: Debret, 1978.

\*\*\*

Imaginando as sonoridades e odores desses espaços, sugerem-se vozes ecoadas pelos vendedores se propagando na multidão que passa apressada, entre outros tantos ruídos. Os atos de compra e venda que se sucedem em meio a esta paisagem de aparente caos e desordem configuram-se da seguinte forma: alguém passa e se aproxima, interessado no produto que está à vista. A partir dessa aproximação, resulta uma conversa, onde um vendedor atende o cliente e o outro providencia o produto; um entrega e o outro troca o dinheiro para o freguês. Assim, esses espaços das ruas vão sendo preenchidos por cenas banais como estas, dia após dia, ocupados também pelas práticas cotidianas dos vendedores ambulantes que se reinventam, hoje e em outros lugares que não mais os mesmos, por décadas e séculos, a partir das “artes de fazer” (Certeau, 1994) desta profissão bastante antiga.

Uma “gesta ambulatória” (Certeau, 1994) que condensa nos tempos modernos uma linha de pertença ancestral, aquela dos escravos alforriados e dos “negros de ganho” nas ruas, portos e logradouros das cidades imperiais, que, fora do sistema casa grande e senzala (Freyre, 2002), deslocados no complexo sobrados e mocambos (Freyre, 2000), faziam de

tais espaços seus lugares de ganha-pão, trabalhando para manter a si e aos seus, oferecendo comidas, frutas, flores, etc. Carregando cadeiras, cestos, moringas de água e toda a sorte de objetos (Azevedo; Lissovsky, 1988).

Segundo M. Maffesoli (1996), ao lado de “conjuntos civilizacionais reacionários” e de “conjuntos progressistas”, poder-se-ia refletir sobre agregações sociais que reuniriam “contraditoriamente” estas duas perspectivas - este pode ser o caso da duração desta gesta entre os mercados de rua etnografados no presente estudo. Às margens da economia monetária da época, os vendedores (homens e mulheres) ficavam de pé em frente ou ao lado dos seus produtos, ou de algum mostruário onde podiam apresentar o que vendiam e onde criavam seus “pontos” de venda, conversando entre si, olhando para seus possíveis fregueses e chamando-os na tentativa de oferecer-lhes seus produtos. A condição de ilegalidade os agrupa no interior de uma forma da vida social específica, e se manifesta em termos do espaço existencial no corpo de sua prática de trabalho no contexto metropolitano, geralmente ocupando um “canto” da calçada, como já citado anteriormente, e como reconhece o vendedor de rua Moreno <sup>12</sup>: “o local é indevido e a mercadoria é irregular, no caso aqui é pirataria, como tem o óculos que é pirateado, as roupas de marca, CDs e DVDs e, essas coisas.”

Esta mesma concepção do “irregular” para a conformação dessa prática profissional aparece na fala de Maria, vendedora antiga, mãe de Rafael, e que já forneceu produtos para Fred, além de ter uma série de relacionamentos de trabalho e amizade com camelôs, lojistas, ambulantes, etc na Região da Rua Voluntários da Pátria. Quando a conheci, ela estava em regime semiaberto, por ter sido flagrada pela Polícia Federal transportando produtos ilegais do Paraguai para Porto Alegre. Mas, assim que ela cumpriu a sentença, foi reivindicar à SMIC o direito de ter uma loja no Centro Popular de Compras (CPC)<sup>13</sup>, uma vez que Maria é camelô antiga do centro<sup>14</sup>. Assim, ela se tornou a última dos meus

<sup>12</sup> Entrevista concedida para a pesquisadora em outubro de 2007. Devemos destacar que os nomes citados neste artigo são fictícios, afim de que os informantes não possam ser prejudicados por participarem desta pesquisa.

<sup>13</sup> O Centro Popular de Compras, também conhecido como camelódromo (de concreto), é uma edificação inaugurada em 2009 no centro de Porto Alegre para onde foram encaminhados os camelôs registrados pela SMIC que trabalhavam no espaço público em diversas regiões da cidade, diferentes dos ambulantes que não eram registrados e continuavam a vender no espaço público.

<sup>14</sup> A SMIC estipulou que somente os camelôs com banca na região central de Porto Alegre poderiam concorrer a receber o direito de ter uma loja no CPC, e, ainda assim, esses vendedores de rua teriam que provar sua condição de trabalho. Assim, Maria, como vendedora antiga, conseguiu ter acesso a uma vaga, e agora

interlocutores principais, e, entre encontros e desencontros, acompanhei o processo de mudança dela para o CPC.

Pelo fato de já terem tido experiências urbanas anteriores, mesmo que em cidades menores, estes sujeitos estão familiarizados com a dinâmica do comércio, com a economia monetária e com a tecnologia que envolve o mercado de rua dos produtos que vendem. Em sua maioria, meus interlocutores de pesquisa não apresentavam as exigências mínimas de escolaridade necessária para sua incorporação como força de trabalho na área industrial ou do comércio formal, ainda que conseguissem regularizar sua condição de trabalhador em empregos precários. É o caso do irmão de Felipe, que trabalhou como ambulante num rápido período de 2008, e que depois conseguiu um emprego formal num setor de limpeza, pois “não aguentou a pressão”, como disse Felipe. Rafael comenta que Luciana também fazia limpeza em casa de família durante alguns dias da semana para complementar a renda, pois eles tinham um bebê para sustentar.

Gostaria, neste momento, de apresentar algumas diferenças cruciais do meu universo e objeto de pesquisa com os de Rosana Pinheiro Machado (2009), que também estudou o comércio de rua na área central de Porto Alegre, como bolsista IC do BIEV (1999), há mais de cinco anos. Em seu estudo monográfico de conclusão de curso, a autora enfatiza a condição do camelô enquanto cidadão que está cadastrado na SMIC, tem uma “banca” e usufrui de seu status de manter-se onde está quando a SMIC, junto com a Brigada Militar (BM), fiscalizam o centro da cidade. O fenômeno por ela estudado se diferencia do fenômeno que estou abordando neste artigo, uma vez que meu trabalho de campo se deu através da observação participante das práticas sociais dos vendedores ambulantes, em sua correria de trabalho na rua, com trabalhadores atuando no comércio informal, não cadastrados na SMIC, e, por isso, irregulares.

Por meio dessa perspectiva, compreendo o agrupamento dos vendedores ambulantes a partir do conceito de organização tribal de Michel Maffesoli (1998: 32-33), pois se reconhece nesta sociedade pós-moderna uma nova maneira de estar junto, já que os indivíduos partilham imagens do cotidiano através de uma atração da ação orgânica entre eles. Como nos lembra o autor:

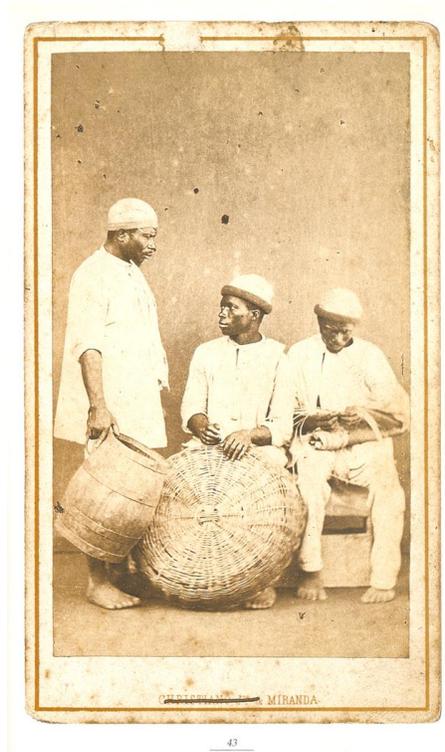
---

passaria da posição social de camelô para “micro comerciante”, como ela diz.

O que quer dizer, senão que, num processo de massificação constante, operam-se condensações, organizam-se tribos mais ou menos efêmeras que comungam valores minúsculos, e que, em um balé sem fim, entrechocam-se, atraem-se, repelem-se numa constelação de contornos difusos e perfeitamente fluidos. É essa a característica das sociedades pós-modernas.

(Maffesoli, 1998)

\*\*\*



5. Fonte: Azevedo; Lisovsky, 1988.

\*\*\*

Contraponho-me à forma banal com que a mídia impressa da capital gaúcha costuma tratar esta população, geralmente criminalizando-os, desconsiderando as artes de fazer do comércio ambulante de produtos piratas e ilegais na Rua Voluntários da Pátria, no sentido de revelar compartilhamento de um “conjunto de símbolos”<sup>15</sup> entre esses

<sup>15</sup> Cf. P. Bourdieu: estilo de vida é a forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivenciam o mundo e, em consequência, se comportam e fazem escolhas. A tentativa é tensionar o caráter intelectualista associado da idéia de estilo de vida, contrapondo-a à noção de uma partilha sensível da vida social conformada desde uma comunidade de sentimentos, o que reuniria os vendedores irregulares em torno de determinados saberes e

vendedores. Essa sinergia social (Maffesoli, 1996) conforma a forma de como se procede a vida cotidiana do trabalho irregular na rua. Felipe veio para Porto Alegre com 17 anos para cursar o segundo grau, porém foi convidado pelo cunhado, Augusto, a trabalhar consignado como vendedor ambulante de CDs e DVDs e se fascinou pela possibilidade de ganhar dinheiro rápido no Centro; Maria abandonou a família por causa de um amor, amor este que a trouxe para vender no centro de Porto Alegre. No entanto, este não queria dividir sua rede social com ela, e assim, ela começou a conquistar o seu espaço sozinha; já Fred foi convidado para trabalhar com seu tio em troca de moradia e comida, conseguindo, depois de algum tempo, acumular um dinheiro que serviu para comprar seu próprio “ponto” na Rua Voluntários da Pátria.

É sob este enfoque que compreendo os laços que unem as redes de solidariedade entre os ambulantes da Rua Voluntários da Pátria por mim pesquisados e a forma tribal que adotam no transcorrer de suas ocupações na venda de produtos piratas na região central de Porto Alegre, construindo um estilo de vida com base em valores, gostos, formas de subjetivação e sensibilidades que definem um estilo próprio de comercializar no contexto metropolitano. Uma prática vista aqui não como imoral, mas como sendo fundada a partir de uma amoralidade em relação aos preceitos da cidade progressista, desejada pelo Estado, uma vez que as regras do grupo estão em constante transformação ao negociar seus limites e que apesar das pressões sociais exercidas pela SMIC e BM, não se extinguem. Inverte-se até certo ponto a afirmação de que “às diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (Bourdieu, 1983: 82).

A ideia de tribo urbana também esta associada às colocações de J. Magnani (1992), que me permitem pensar estas redes sociais entre vendedores como indivíduos que vivem simultânea e alternadamente muitos papéis sociais, assumindo, seu *métier* de ambulante em determinados lugares e períodos do ano. Ainda nos termos de Canclini (1997), as tribos compensam a atomização e a desagregação das grandes cidades, negligenciadas pelas macropolíticas, oferecendo a participação em grupos. Ainda na perspectiva maffesolinana, encontram-se os “pequenos nada” (Maffesoli, 1998) que, por sedimentação, condensam as

---

fazeres no interior do mercado de rua das grandes metrópoles do país.

práticas de comércio ilegais e informais de meus interlocutores de pesquisa, onde se pode refletir acerca da forma como tais tribos funcionam socialmente, na polêmica com o individualismo moderno. Dessa forma, passam a atuar como referências simbólicas para as ações individuais de cada vendedor ambulante, substituindo os aparatos políticos e culturais “modernos” (cooperativas, associações, etc) que não só se tornaram obsoletos, mas cujos benefícios jamais foram usufruídos por eles. Sendo assim, as tribos dos mercadores de rua, com seus produtos ilegais e piratas, e estruturadas nos termos de redes sociais mantenedoras de solidariedades dos ambulantes entre si, com camelôs e com os lojistas e comerciantes, resultam na estabilidade de um universo simbólico compartilhado, em que eles podem ser reconhecidos como vendedores de rua, pois passam por experiências comuns, carregando no seu modo de se expressar na cidade a feição de certa comunidade emocional.

\*\*\*



6. Acervo etnográfico referente à pesquisa de campo foi realizada de 2007 a 2009.

\*\*\*

No estudo da estilização da vida que constroem os vendedores no espaço público das ruas na grande metrópole porto-alegrense, percebo entre meus interlocutores de

pesquisa que estes jovens e adultos orientam-se no interior de uma unidade de estilo para a forma como organizam o seu ponto e a sua banca no mercado de rua, sempre em conformidade com certas regras, desde a escolha da roupa, da forma de vender o produto ilegal ou pirata, até a forma de se dissimular da polícia e dos fiscais da SMIC. No enraizamento dinâmico (Maffesoli, 1998) desta tribo, sob a forma de redes de solidariedade, as esquinas e os “cantos” atuam como instrumentos organizacionais no desenvolvimento de seus limites de ação nas ruas, desde onde estabelecem suas formas de comunicação com os fregueses e constroem outros mecanismos necessários até a sua articulação no interior do mercado formal que os rodeia e com quem dialogam.

Apoiando-se nas emoções e/ou sensibilidades vividas em comum (Maffesoli, 1996), os vendedores ambulantes, na correria das ruas, fazem de suas práticas cotidianas de comércio informal de produtos ilegais e piratas um espaço de trocas de experiência que desconstruem a racionalidade positivista do espaço público. Uma “união em pontilhado” que se revela como sinergia social (Maffesoli, 1998) e que se confronta com a política de *gentrification* (Glass, 1964 apud Leite, 2004) adotada nos últimos anos pelos órgãos da prefeitura municipal para o centro da cidade de Porto Alegre. Dessa forma, por meio das redes de solidariedades desenvolvidas no cotidiano dos ambulantes, destacamos uma das situações de ensino-aprendizagem do *métier* quando um vendedor ensina o outro a vender o produto por um preço maior. Neste caso, seria necessário falar da qualidade do produto, ou como eles dizem “dar um caô”<sup>16</sup>, e muitos desses vendedores têm até cartão para contato ou selo de garantia com o nome, telefone, e a descrição do local onde ficam.

No espaço das calçadas e, em particular, em suas esquinas, acompanhei com meus companheiros de pesquisa diversas transformações nas expressões estéticas e éticas (Maffesoli, 1998) de venda de produtos ilegais, e piratas, conforme o gosto e a sensibilidade desta população ao acomodar os conflitos com os representantes dos órgãos do governo<sup>17</sup>. Durante a pesquisa de campo, sofrendo a ação da polícia e da fiscalização, reencontrei,

<sup>16</sup> Gíria que se pode entender como: convencer o cliente por quaisquer argumentos.

<sup>17</sup> Entendemos como órgãos atuantes nessa região a SMIC (Secretaria Municipal da Produção, Comércio e Indústria) e a BM (Brigada Militar). Nessa pesquisa foram etnografados três momentos dessa transformação urbana, relacionados ao grupo estudado: em 2007, quando um grande número de vendedores ambulantes preenchia as calçadas e ruas próximas aos terminais do ônibus do centro da cidade; em 2008, onde já havia sido anunciada a construção de um Centro Popular de Compras (CPC) para vendedores registrados na SMIC, dentre eles a maioria eram camelôs, e então, conseqüentemente, aumentou-se a fiscalização de vendedores irregulares; e em 2009, com a inauguração do CPC, onde foi proibida qualquer atuação de vendedor de rua, e, ainda assim, alguns conseguem driblar a fiscalização.

passado um breve período de campo, meus interlocutores de pesquisa trabalhando nos “cantos” próximos de onde nos conhecemos. Esta constante “conquista do presente”, seguindo-se a uma “ética do instante”, conduz os vendedores ambulantes à exploração de tais conflitos para perpetuar seu gênero de comércio entre seus fregueses, ocupando os espaços públicos de uma grande cidade, segundo seus momentos de atração ou repulsa, de adesão ou de afastamento. Em meio às transformações urbanas ocorridas, a correria do dia-a-dia, associa-se uma ética do instante num movimento sem fim, de disfarçar-se no interior de outras práticas de comércio ambulante na rua e de cristalizar certas formas de comércio ilegal e pirata, refletindo-se nisto tudo suas maneiras peculiares de lidar com o tempo em sua condição de trabalho ambulante. Um relato de meu diário de campo pode vir a esclarecer esta reflexão:

Num dia emblemático de campo na Rua Voluntários da Pátria, um dos primeiros a serem vistos é Fred, que fica próximo de uma esquina e, depois da venda, conversa com seu colega de trabalho apoiado num poste. Mais à frente está Felipe, com seu mostruário de capas de CDs e DVDs, oferecendo seus produtos a quem passa. Já Vinícius fica em frente a uma galeria, e dali supervisiona e ajuda os vendedores para quem as mercadorias são distribuídas, as quais ele guarda durante a noite. Diferente desses, Maria desce do ônibus e passa por ali para ver seu filho Rafael que trabalha para Vinícius, depois é ela quem vai aos “pontos” dos seus clientes, vender por atacado seus produtos escolhidos a dedo em outras cidades. Essas cenas constituem uma representação de um dia com os vendedores ambulantes, e expressa uma das formas de cotidiano deles.

(Fragmento de diário de campo, 12/12/2008)

### **Repensando o estudo de rede social na pesquisa antropológica**

Muitos dos meus parceiros de pesquisa chegaram até o comércio informal de produtos ilegais ou piratas na rua por meio de relações familiares ou relações de amizade, e geralmente, esses novatos continuam a participar da rede social de quem o levou até ali. Segundo percebi em campo, o indivíduo, geralmente jovem, pardo e de baixa escolarização, aprende no cotidiano de compra e venda dos produtos informais ou ilegais as práticas sociais desse comércio informal com outros colegas de trabalho, aderindo a uma forma de venda na rua que tem diferentes feições. Obviamente, em termos de construção de subjetividades modernas, este *métier* envolve a interiorização de uma determinada “gesta ambulatória” (Certeau, 1994), arqueológica de ser vendedor de rua.

Para o caso deste estudo, a apreensão desta “gesta” pela aprendiz de antropologia implicava na incorporação das técnicas advindas dos estudos de redes sociais do meu

trabalho de campo na Rua Voluntários da Pátria, pois na medida em que a prática etnográfica se ampliava com a conquista da confiança de meus parceiros de pesquisa, fui me dando conta de que essas formas de socialização no espaço público não se davam apenas entre os vendedores ambulantes atuando de forma irregular na região central de Porto Alegre. Ela se ampliava, indo na direção dos outsiders aos estabelecidos (Becker, 2008), isto é, dos outros habitantes deste território urbano, tais como os fregueses e clientes, lojistas, comerciantes e camelôs, e até mesmo com representantes dos órgãos públicos. Os órgãos fiscalizadores desse mesmo comércio, mesmo combatendo o trabalho informal, atuavam no interior de um “processo civilizador” (Elias, 1994), promovendo um diálogo com meus interlocutores de pesquisa e impondo a eles novos arranjos para a construção das práticas de trabalho no contexto metropolitano. Segundo a lógica de uma microfísica do poder (Foucault, 1979), os agentes de fiscalização e policiamento impunham aos meus parceiros de pesquisa novas formas de disciplinamento da mão de obra e do mercado, segundo a lógica do Estado.

Todavia, é a sociabilidade conflitiva como marca da condição do trabalho informal e ilegal na área central da cidade de Porto Alegre que ganhou destaque no estudo de rede social. Ela compõe a condição de trabalho da rede social por mim pesquisada, uma vez que há um ritmo nestas continuidades e descontinuidades vividas pelos ambulantes, abarcadas pelo viver urbano, principalmente na forma como estes ocupavam os espaços públicos da rua, transformando-os em “pontos” e “bancas”. Dessa forma, expressam neste arranjo social e espacial suas formas singulares de compra e venda com seus clientes e fregueses, em conformidade com a efemeridade dos laços sociais e simbólicos que os unem entre si. Em meio às tensões, o estudo das redes sociais (Lomnitz, 1994) microscópicas entre os vendedores ambulantes, clientes e fregueses e os lojistas e comerciantes locais, seus laços de solidariedade e de hierarquias possibilitaram uma etnografia de suas “práticas cotidianas” (Certeau, 1994) na Rua Voluntárias da Pátria. O estudo de redes sociais atrelado às preocupações com o estudo das “formas expressivas” (Dawsey, 2000 apud Vedana, 2008), do arranjo social de compra e venda de produtos ilegais e piratas, me permitia pensar, finalmente, o “estar lá” dessa “comunidade de sentidos” (Maffesoli, 1998).

O estudo da rede social dos vendedores ambulantes nos dava pista sobre a lógica nômade com a qual se “fixam” na rua, a partir de alguns “pontos” das calçadas, onde

enraizavam suas “práticas sociais” (Certeau, 2004). De um lado, os trabalhadores informais, em sua prática cotidiana da compra e venda de produtos ilegais e piratas, formam nos espaços públicos onde se estabelecem verdadeiros “nichos” de trocas comerciais ao lado das formas modernas de trabalho e comércio, envolvendo fregueses e ambulantes, em uma escala temporal que não a da rua como espaço de impessoalidade e do anonimato, um fenômeno que M. Maffesoli (1996) defende como “barroquização do mundo”. Por outro lado, aos olhos dos representantes dos órgãos públicos, a calçada estaria sendo privatizada, utilizada para fins ilegais, com base num trabalho irregular. Neste sentido, ao trabalhar na rua em condição ilegal, o vendedor pode perder a sua mercadoria para a BM e SMIC se não estiver atento para “fugir”. Além disso, por ser um trabalho informal em que muitos não têm carteira assinada, nem pagam impostos e a previdência como vendedor autônomo, esses indivíduos não usufruem os mesmos direitos dos trabalhadores formais.

O estudo de redes sociais permitiu-me, assim, perceber o território da rua como um “espaço de conflitos” (Simmel, 1988). A partir da dinâmica da vida social, a informalidade representada pelas práticas ilegais dos ambulantes nas ruas da capital gaúcha pode ser compreendida como parte de um processo de recriação das formas “modernas” de ser e estar na rua, como no caso da área central de Porto Alegre, cada vez mais atingida por processos de *gentrification* (Glass, 1964 apud Leite, 2004). A pesquisa dos projetos previstos também pelas políticas públicas locais para essa região da cidade, tal qual a construção do Centro Popular de Compras, unindo a Rua Voluntários da Pátria à outras ruas, para ali situar os ambulantes regularizados (camelôs), foram pontos relevantes da pesquisa que origina esta monografia.

O levantamento de dados e o registro fotográfico do processo de construção do “camelódromo” e a realização de entrevistas com o engenheiro responsável pela obra do CPC, bem como conversas com lojistas e comerciantes próximos a área me permitiram perceber as diferenças entre as formas de ocupação da cidade por meus parceiros de pesquisa - os percursos dos vendedores ambulantes da Rua Voluntários da Pátria se constituindo como parte dos “contra-usos da cidade” (Leite, 2004) - e aquelas projetadas pelos representantes dos órgãos públicos. Através do estudo de tais arranjos sociais (Rocha, 1994), a investigação das redes de solidariedades dos vendedores ambulantes

ganhava outros contornos, explicitando as fronteiras simbólicas em conflito entre os diferentes atores sociais ali presentes. A aparente não estabilidade do “ponto” de venda ambulante possibilitava perceber outras formas de “estar junto com” (Maffesoli, 1996) em meio ao “fluxo do viver urbano” (Barbero, 2001), uma vez que naquele lugar se reforçam relações de amizade, relações de trabalho, relações familiares, etc.

O estudo das práticas sociais (Certeau, 1994) no comércio informal - como a compra e venda dos produtos - me permitiu aprofundar o conhecimento das táticas e das astúcias dos vendedores informais em relação às formas de vender e ao modo de “estar-junto com” (Maffesoli, 1998) no espaço público. Por meio da observação de gestos, cenas e ambiências, etnografei as interações das redes de solidariedades entre os vendedores ambulantes que se transformavam a partir da influência de um “poder disciplinador” (Foucault, 1977), expressado pelos representantes dos órgãos públicos no espaço público, como também procura mostrar este trabalho de conclusão de curso.

Essa “negociação da realidade” (Velho, 1999), relacionada às práticas sociais entre os habitantes da cidade moderno-contemporânea, fundam “formas de sociabilidade” (Simmel, 2006), com graus diferenciados de interação social como: formas de negociação, formas de socialização, relações de trabalho, relações de gênero, relações familiares e sociabilidade conflitiva. Por esta razão, entende-se que para os vendedores ambulantes se manterem na Rua Voluntários da Pátria eles também acionam, através de uma memória coletiva, redes de solidariedades que extrapolam as redes entre comerciantes informais. O que é interpretado nas falas dos informantes sobre suas práticas sociais, que estão para além do concreto, do espaço, do corpóreo e suas formas de vender na rua que expressam uma duração, então, uma duração bachelardiana (Eckert; Rocha, 2001).

Desse modo, uma cartografia das formas de ocupação dos percursos desses vendedores de rua no cotidiano, que se constitui como um “espaço praticado” (Certeau, 2004), me permitiu perceber a condição de trabalho de meus parceiros de pesquisa no contexto metropolitano porto-alegrense, feitos e refeitos segundo suas “formas expressivas” (Dawsey, 200 apud Vedana, 2008), tais como os chamamentos para atrair os clientes, as conversas entre eles sobre divisão de trabalho e estratégias de exibição dos produtos que acoplam certo “estilo de vida” (Bourdieu, 1983; Velho, 1999). Sob este ângulo, as artes de fazer (Certeau, 2004) desse *métier* reaparecem como fenômenos singulares na ambiência do

comércio popular no centro da cidade de Porto Alegre, ou seja, constituindo uma “aura estética” (Maffesoli, 1998) a partir das formas sensíveis da vida cotidiana (Sansot, 1986), em que estão mergulhados os indivíduos que participam dessa rede de solidariedade e de venda na rua.

## Referências

- AZEVEDO, Paulo César de; LISSOVSKY, Mauricio. *Escravos Brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.* Textos de Jacob Gorender, Manuela Carneiro da Cunha e Muniz Sodré. São Paulo: Editora Ex Libris, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A dialética da duração*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- BARTH, Fredrick. *Ethnic groups and boundaries*. Boston: Little, Brown and Co., 1969.
- BARBERO, Jesus Martin. *Ofício de cartógrafo: travessias latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Chile: Fondo de Cultura Econômica, 2002.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: estudo de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BOTH, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. “Gostos de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu: Coleção Grandes Cientistas Sociais*, n. 39. São Paulo: Ática, 1983.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1 Artes de Fazer*. Rio de Janeiro: Vozes. 1994.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tomos I e II, Vol I, II e III. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978.
- DURHAM, E. R. Trabalho. *A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1973.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da Rocha. “Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”. In: *Iluminuras*, v. 4, n.7. Porto Alegre: BIEV/ PPGAS/ UFRGS, 2001.
- ELIAS, Nobert. *O processo civilizador I. Uma história do costume*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.
- FOOTE WHYTE, Willian. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Editora Unicamp; Aracaju: Editora UFS, 2004.

- LOMNITZ, Larissa A. “Redes informales de intercambio en sistemas formales: un modelo teórico”. In: *Redes Sociales, Cultura y Poder: Ensayos de Antropología Latinoamericana*. México: FLACSO - Porrúa, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das Aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Tribos urbanas: metáfora ou categoria? *Cadernos de Campo*”. In: *Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP*, v.2, n.2. São Paulo: USP. p. 49-51. 1992.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre o dom: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.” In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. “A rua como estilo de vida: práticas cotidianas na ocupação do centro de Porto Alegre por camelôs”. In: *Iluminuras*, v.4, n.7. Porto Alegre: BIEV/ PPGAS/ UFRGS, 2003.
- \_\_\_\_\_. *La garantía soy yo*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Le Sanctuaire de désordre: L’art de savoir vivre des tendre barbares sous les Tristes Tropiques*. Paris: V, Sorbonne, 1994.
- RUGENDAS, João Maurício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.
- SANSOT, Pierre. *Les Formes Sensíveis de la Vie Sociale*. Paris: PUF, 1986.
- SIMMEL, Georg. *La tragédie de la culture*. Paris: Rivaes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- VEDANA, Viviane. *No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo*. 258 p. Tese. (Doutorado em Antropologia) – Programa Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

Recebido em: 04/05/2012

Aprovado em: 02/07/2012